

Introdução

Esta dissertação apresenta uma retrospectiva histórica de algumas das práticas tradutórias mais significativas no Ocidente, com o intuito de fornecer elementos para a compreensão de que há diferentes modos de traduzir e de que eles dependem da função atribuída à tradução, função essa regida por interesses políticos, religiosos, ideológicos, lingüísticos, sociais e/ou culturais do contexto em que se realiza.

Em 1975, James Holmes propôs no texto “The name and nature of translation studies” (Bassnett-McGuire, 1980), o nome Estudos da Tradução para designar um campo de estudo que vinha se configurando como uma disciplina independente. A configuração dessa disciplina especificamente voltada para a tradução desencadeou o interesse de especialistas da área pela história dessa atividade. Tal historiografia atingiu seu apogeu nos anos 1990. Muitos estudos foram desenvolvidos, mas as práticas tradutórias não constituíram objeto central, tendo ficado dispersas entre considerações focadas em outros tópicos da história da tradução, tais como os papéis do tradutor, as funções da tradução, suas teorias.

Este trabalho surgiu da necessidade que senti, como aluna de tradução, de conhecer a história dessa atividade e compreender sua relação com os contextos nos quais vem sendo realizada. O leigo, e mesmo profissionais da área, desconhece a diversidade inerente à atividade tradutória, tendendo a imaginar que ela se realiza da mesma maneira e com um mesmo propósito ao longo do tempo e em qualquer lugar. O aluno de tradução em geral se surpreende quando fica sabendo que a tradução vem se realizando de diferentes modos. Não tendo encontrado estudos historiográficos exclusivamente voltados para as práticas tradutórias, considerei que seria relevante produzir um texto que reunisse as mais significativas. Procurei organizá-las de forma didática, com vistas a facilitar seu entendimento e seu ensino.

Minha pesquisa tem como fontes bibliográficas obras importantes, tais como *Os tradutores na história*, tradução brasileira de 1998 do original *Translators through history*, lançado em 1995 e organizado pelos canadenses Jean

Deslile e Judith Woodsworth; *Translation studies* (1980), de Susan Bassnett-McGuire; *Western translation theory: from Herodotus to Nietzsche* (2002), de Douglas Robinson; *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil* (2003), de Lia Wyler; e a *Routledge encyclopedia of translation studies* (1998), organizada por Mona Baker.

Cabe lembrar que as fontes deste trabalho são, na grande maioria, secundárias; ou seja, elas consistem em pesquisas já realizadas por estudiosos da tradução, os quais, estes sim, recorreram a fontes primárias. Um bom exemplo é o livro de Lia Wyler, pioneiro no estudo da história da tradução no Brasil. Ela investiga documentos diversos, trabalhos sobre a literatura brasileira, sobre a história do Brasil etc. Encarando-se de outro modo a natureza de minhas fontes, seria possível considerá-las primárias se entendermos a presente dissertação como uma historiografia das práticas tradutórias tal como elas vêm sendo construídas pelos historiadores da tradução.

A primeira etapa do estudo constituiu em um levantamento bibliográfico no português e no inglês. Após uma primeira leitura dos textos escolhidos, percebi que seria importante delimitar meu objeto de estudo, uma vez que as práticas tradutórias são inúmeras. Assim sendo, selecionei aquelas mais frequentes na bibliografia disponível, vendo-as, com base nesse critério, como as mais significativas hoje. Nesse sentido foram privilegiadas práticas que se deram em alguns momentos e em algumas culturas, excluindo-se, por exemplo, todo o universo oriental.

Os capítulos foram concebidos de modo a que cada um abordasse determinada(s) prática(s) em determinado período histórico – o quarto capítulo, por exemplo, apresenta as práticas medievais de São Jerônimo, de Boécio e da Escola de Toledo. Talvez caiba lembrar que, embora o meu trabalho não envolva, digamos assim, uma autoria inaugural, todo ele está submetido, como não poderia deixar de ser, aos filtros que nortearam minhas leituras e recortes. Busquei destacar, em diferentes momentos históricos, fatores de poder que circunscreveram às práticas de tradução determinadas maneiras de realizar-se. Tais fatores prendem-se à natureza do poder vigente em cada tempo e contexto sócio-cultural, sob diversas ideologias e interesses políticos-econômicos, nos campos mais específicos da religião, da literatura e da língua, entre outros.

A relevância desse viés justifica-se no entendimento de que as práticas tradutórias sempre estiveram submetidas a tais forças, o que desaconselha totalmente um olhar ingênuo sobre sua história. Entender as práticas tradutórias em sua complexidade histórica possibilita não só uma visão mais acurada destas como também, e aqui penso exclusivamente nos tradutores, uma responsabilidade maior em relação às suas funções, aos seus papéis como agentes culturais.

Dedico o próximo capítulo desta dissertação a um esclarecimento terminológico-conceitual, importante para o entendimento das práticas tradutórias no decorrer do trabalho. A divisão dos demais capítulos corresponde à periodização histórica tradicional, destacadas algumas práticas que vão da Antigüidade Clássica à contemporaneidade – até a década de 1960. Esta última temporalidade privilegia somente o Brasil, em um esforço de destacar meu país no âmbito da pesquisa histórica da tradução.

Quanto à indicação das fontes utilizadas, indicarei ao final do trabalho não apenas as referências bibliográficas mas também, sob o termo “bibliografia”, alguns títulos que me foram importantes embora não tenham sido citados nem explicitamente referidos.